**LEI N.º 3010, DE 3 DE JANEIRO DE 1964**

**Dá o nome de Francisca Pompeu de Camargo a uma Rua da Cidade.**

**A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMILGO A SEGUINTE LEI:**

**Artigo 1.º** — Fica denominada "FRANCISCA POMPEU DE CAMARGO" a Rua formada pelas Ruas 6 e 8 do Jardim das Paisagens e Vila Brandina, respectivamente, com início na Rua Herminio H. Bertoni e término na Rua 11 da Vila Brandina.

**Artigo 2.º** — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 3 de Janeiro de 1964.  
**RUY HELLMHEISTER NOVAES** — Prefeito Municipal.  
Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 3 de Janeiro de 1964.

**LUIZ G. DA SILVA LEITE** — Respondendo pelo cargo de Diretor do Departamento do Expediente.

Folha do Povo — Sábado, 28 de abril de 1962

Da. Francisca Pompêo de Camargo

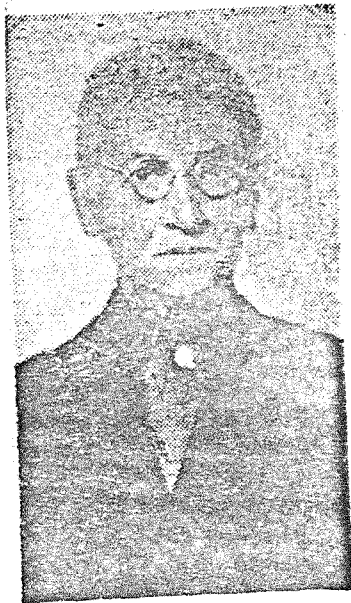
**Centenário de nascimento**

Elsa Penteado Pompêo de Camargo

"Corre o tempo e na vida tudo muda".

Verdade inofismável que nos faz meditar e admitir para o nosso consólo o Salmo III, de Salomão: "A lembrança do Justo, será eterna". Esta sentença do Rei dos Reis, figura inconfundível dentre os sábios dos tempos bíblicos, encerra a lógica que defendo com fervor. Relembrar uma grande vida!

Comemoramos nesta data o centenário de Francisca Pompêo de Camargo que soube ser a "Mulher Forte", de que nos fala Landriot, arcebispo de Reims, em suas conferências às senhoras da aristocracia francesa.



Da. Francisca Pompêo de Camargo

D. Chiquinha, como era conhecida foi criada e educada nos moldes austeros da moral cristã, e aureolada por extrema bondade e singeleza. Não houve filha, esposa e mãe que a igualasse no cumprimento dos seus múltiplos deveres.

Ao despertar para a vida, envolta em rendas raras e aconchegada ao calor dos afagos de seus pais boníssimos e abastados, essa criança mimada, já sabia repartir seus brincos infantís, obedecendo ao impulso instintivo de sua alma.

Cresceu e se entreabiu, como a flôr que perfuma. Ela, toda meiguice, encantava o seu lar. Como toda jovem, também teve seu sonho dourado, que guardava como segredo por ser de inexplicável modéstia.

Nesta mesma data festiva, bafejada pelas auras da felicidade, deu-se a eclosão do seu amor, que se fez luz, fez-se clarão, iluminando e aquecendo sua longa existência. Casou-se com o ídolo dos seus sonhos, Dario Pompêo de Camargo, da elite campineira, portador de raros predicados e para maior satisfação, enteado estimado de sua mãe.

Contando-nos em horas de lazer sua história, rendilhada de poesia, lembrava D. Chiquinha a suntuosidade da festa nupcial, que se prolongou por três alegres dias. Houve também para as boas mucamas e servidores da casa grande, bom quinhão de doces e presentes.

O bom Deus, para maior ventura do casal, concedeu-lhe dez filhos, que são dignos continuadores da sua virtuosa tradição.

Essa vida, que corria plácida como a água que desliza de um manancial claro e manso, foi de súbito toldada por grandes intempéries.

Grave enfermidade abateu a saúde do extremoso esposo; ao mesmo tempo, o grão de ouro, o café, base da prosperidade dos fazendeiros, sofreu completa desvalorização.

Sobreveio tremenda crise, que arruinou muitos lares, abalando os alicerces em que se assentavam as finanças dos lavradores.

Nessa situação cruciante, tendo os filhos pequenos, e o esposo estremecido mãos atadas pela enfermidade, D. Chiquinha, com sua têmpera moldada no exemplo das velhas paulistas, não desanimou!

De energia férrea, cônica dos seus deveres e das habilidades manuais, que lhe conferiram o título de perfeita artista, não vacilou, não se desorientou!

Nessa ocasião o Governo de São Paulo, cogitava fundar em Campinas a Escola Normal, tão desejada pela nossa gente progressista e culta. D. Chiquinha alertou-se... Não temendo confrontos, dirige-se ao dr. Carlos Guimarães, digno Secretário da Educação, expondo-lhe sem preconceitos a sua aspiração, ser Professora de prendas domésticas da futura Escola Normal.

O ilustre Secretário, amigo da família, tomado de surpresa, dirige-se à sua esposa e comovido faz alusão à carta que lhe trazia a petição da ilustre dama campineira.

Assim, se tornou essa criatura admirável, a primeira professora de trabalhos manuais, da Escola Normal de nossa cidade, dando-lhe com sua proficiência brilho inexecedível.

D. Chiquinha, não media esforços, não cogitava do que lhe pudesse advir do cansaço e do excesso das longas caminhadas!

Leccionou trinta e seis anos a fio e sem esmorecimento, milhares de alunas dando-lhes no mesmo acarreto conselhos e amor!

Campinas terra querida, de gloriosas tradições, que possui engrinaldando-a vultos notáveis no clero, na música, na política, nas letras, nas ciências e nas artes, deve orgulhar-se de ter possuído também a valorosa senhora, que susteve até apensar, a divisa rotariana "Dar de si, antes de pensar em si".

D. Chiquinha, foi a bondade, o cuidado, a consolação e o conselho. Foi tão justa na distribuição dos seus desvelos, como a luz na distribuição da claridade.

Perdoai-me caros conterrâneos, o descolorido de minhas letras, cuja única intenção é a de dar a conhecer à nova geração, o valor moral e intrínseco de minha mãe saudosíssima.

Como a Mulher Forte das Escrituras, D. Chiquinha deu-nos o exemplo do quanto pode a virtude, aliada ao trabalho, para o aperfeiçoamento humano.

"Cale-se a minha voz, que outra mais bela canta", o hino de gratidão de Campinas, que Ela tanto amou, dignificou e serviu, até o zênite de sua existência!

